



PESSOAS SÃO MUNDOS

O CPD por dentro

JANE TUTIKIAN



Página intencionalmente em branco

PESSOAS SÃO MUNDOS

O CPD por dentro

JANE TUTIKIAN



UFRGS

Centro de Processamento de Dados

Porto Alegre, RS

2016

Reitor

Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor

Rui Vicente Oppermann

Diretora do CPD - Centro de Processamento de Dados

Jussara Issa Musse

Fotografias

Equipe do CPD-UFRGS, J.A. Produções Ltda e Leandro Bierhals

Capa, foto de capa, design gráfico e editoração eletrônica

Leandro Bierhals

Entrevistas

Lais Borges Freitas

© 2016 - Jane Tutikian

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T966p Tutikian, Jane

Pessoas são mundos : o CPD por dentro. Porto Alegre :
CPD/UFRGS, 2016. 60 p.
ISBN 978-85-66106-87-9

1. Literatura brasileira - Ficção. 2. Centro de
Processamento de Dados da UFRGS. I. Título.

CDU: 821.134.3(81)-3

Caterina Groposo Pavão CRB-10/870

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Centro de Processamento de Dados

Rua Ramiro Barcelos, 2574 Campus Saúde - Portão K

CEP: 90035-003 - Porto Alegre, RS

(51) 3308.5034 / (51) 3308.5962

<http://www.ufrgs.br/cpd/>

IMPRESSO NO BRASIL

“...Que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produz em nós.”

“Passava os dias ali, quieto, no meio das coisas miúdas. E me encantei...”

Manoel de Barros

Página intencionalmente em branco

Sumário

Apresentação	9
1. vozes e rostos	11
2. para todos	23
3. quem são vocês	29
4. presente do futuro	45
5. como casa	51

Página intencionalmente em branco

Apresentação

Manhã de chuva em Porto Alegre. A Profa. Jane entrou como convidada na minha sala para uma reunião sobre algumas questões do CPD com o Instituto de Letras. Mas o principal motivo do convite era uma ajuda: precisava de indicações de pessoas que poderiam escrever um livro sobre a história dos últimos 20 anos do Centro. Seria a minha despedida do cargo de diretora.

Não cheguei a pedir nomes. Ao escutar sobre o projeto, a Jane abriu um sorriso e disse “eu topo”. Fiquei muda. Fiz a pergunta mais idiota possível: topas o quê? A Jane, com sua generosidade escancarada, riu mais uma vez, “eu topo escrever o livro; já comprei a ideia”. Não acreditei, era muito mais do que eu tinha me permitido sonhar.

Definimos o processo para abastecer a nossa escritora de informações: escolher um assunto, convidar um grupo para um bate papo que era gravado, transcrição resumida deste bate papo, revisão do texto e envio do material para a Jane.

Com a ajuda inestimável da Lais, que fez as gravações e transcrições, o processo foi um sucesso.

O primeiro relato enviado foi uma encomenda da Jane para “propor o tom do livro”.

A sensibilidade da escritora descobriu que o livro não devia ser o que definimos, não era um relato de fatos, nada de projetos e tecnologia.

A Jane viu a alma do CPD e criou um lindo livro.

Ao virar cada página deste livro, eu sorri e me emocionei. Tenho certeza que você, ao lê-lo, também vai sorrir, ou chorar.

Jane, muito obrigada por este presente.

Jussara Musse

1. vozes e rostos

*Teu rosto compete
Com mil madrugadas.*
Mia Couto

O totem, na Ramiro Barcelos, indica: CPD - UFRGS: Centro de Processamento de Dados. O que primeiro tu pensas é na máquina e na sua impessoalidade. Computadores, programas complexos, números vêm à cabeça numa velocidade febril. A tecnologia desafia o tempo, esta é a verdade.

Andas entre duas filas de carros estacionados.

A cancela.

Entras no prédio, o sol forte, lá fora, torna tudo escuro. Perguntas pelo CPD. À esquerda, diz a recepcionista. À esquerda, uma porta marrom. De novo a impessoalidade, o fluir do tempo, má-qui-na, má-qui-na, má-qui-na, como os grandes ponteiros do relógio do coelho da Alice do Lewis Carroll, pensas.

Abres a porta devagar, pessoas com o olhar preso nas telas vão se libertando; com o olhar, o sorriso de boas-vindas; com o sorriso, pensas, talvez um universo a desbravar.

Recusas o chimarrão, aceitas o café. Sentas. Propões uma volta no tempo e os olhares presos na tela vão se libertando feito curiosidade. Não é este o costume. O dia-a-dia, aqui dentro, pulsa de futuro. Um esforço, pedes, e pessoas, conhecidas e desconhecidas, de tempos passados, se fazem presentes, enchendo as salas do CPD. Telefones que não param de tocar.

De repente — imaginas, enquanto alguém te conta a história — a invasão alegre dos bibliotecários. Vozes altas de chegada abafavam as vozes discretas de acolhimento. A ideia era formar um grupo de analistas e bibliotecários para trabalharem, no Centro de Processamento de Dados, na implantação do Sistema de Automação das Bibliotecas. Mais do que um desejo, era uma necessidade. E assim foi, mas a casa perdeu a rotina.

Engraçado! Teus olhos, imediatamente, denunciam teu pensamento, pensas no gato, o Brutus, quando deita no sofá e deixa a cabeça pendida. Ele aprendeu a olhar o mundo de cabeça para baixo. Já pensaste como é que pode funcionar em determinados momentos? O que é ruim fica bom, o que é infeliz fica feliz, o que é triste fica alegre, o que é silêncio fica vozes e, quando a gente olha para o chão vê o céu.

— Verdade seja dita — continua a técnica —, os bibliotecários trouxeram as vozes e o céu. Eles estavam acostumados a trabalhar em grupo, falar alto, opinar, concordar ou discordar, discutir, falar, falar, falar. Isso modificou o ritmo dos técnicos que conversavam em silêncio com suas máquinas, seus programas, seus números, suas letras soltas que não formam sentido, mas significam. Vez em quando, um técnico perguntava por que havia sido escolhido para trabalhar naquele grupo. Vez em quando, um bibliotecário sentia falta dos usuários e sofria o abandono da quietude, o que não durava muito, porque ele também era voz! Tudo um grande e alegre desafio. Os analistas precisaram estudar os instrumentos de descrição dos materiais bibliográficos para conversar com os bibliotecários. Os bibliotecários precisaram ser treinados no uso dos microcomputadores e do software, precisaram perder o medo da máquina e do mouse, para conversar com os técnicos.

— Cada um precisava ultrapassar sua própria linguagem para alcançar uma comum. Caminho difícil este desde sempre, desde que o homem é homem. Caminho pouco a pouco construído. — complementa um técnico.

— De repente, era preciso agregar mais gente e mais gente, integrar os diversos setores, e os dois grupos iniciais, aos poucos, foram se tornando um. — continua a técnica — A hora do café, tanto da manhã quanto da tarde, coloriu qualquer estranhamento. Agora, era o que devia ser a Universidade, troca de experiência, de geração de ideias, reflexão séria e riso fácil, simpático, amigo.

Tudo um processo — sempre em processo — de amadurecimento pessoal, profissional e institucional, pensas.

Agora, é a vez dos Pesquisadores que caminham de um lado para outro, solitários, neste outro presente, feito de passado, porque são assim construídas as histórias nas salas do CPD. Vultos desafiadores.

A técnica da terceira mesa conta uma história:

— Tínhamos um pesquisador que sempre instalava softwares desconhecidos e detonava a máquina. Aí, não sabendo o que fazer, ligava para o CPD. Quando o técnico chegava, era engraçado, a primeira coisa que dizia era “Não toca na máquina!” No início, nos pegava de surpresa, depois, a gente foi acostumando. Arrumar o computador pela força do pensamento? Houve um dia em que uma bolsista desavisada estendeu o braço, mas, antes que tocasse, recebeu um tapa na mão. Sempre tinha que ter um longo processo de convencimento! Não! Mas não terminava aí! Depois de convencido, quando se chegava à parte mais técnica, porque tudo ele queria acompanhar, dizia: “Eu tenho doutorado, consigo entender.” Aliás, diga-se de passagem, a ferramenta de busca tinha que ser alemã, não podia ser o Google, o anti-vírus era russo, o programa de inicialização era outro muito específico. Quando habilitava um, mexia nos outros. Aí, se perdia e chamava o suporte. Quer saber? Parecia, às vezes, parecia que era de propósito para ver se sabíamos resolver.

Vultos interessantes, os dos pesquisadores que ocupam a sala, imaginas. Magros e gordos, encurvados, elegantes, desarrumados, óculos, óculos, muitos óculos. Esses não falam, embora queiram mostrar os papéis que têm nas mãos, abrir o notebook e transformar comportamentos, pessoas, mudar o mundo. Mas onde as pontes?

— Começamos a pensar num repositório digital para a Universidade. — diz uma técnica, como se lesse teu pensamento. — Por que não, se o acesso à informação, através da facilidade proporcionada pela tecnologia, age como instrumento transformador da sociedade? A partir daí, a Universidade — explica — passou a superar suas próprias fronteiras: o serviço de referência tomava nova forma. A informação não mais se restringia ao ambiente da UFRGS e as relações dos pesquisadores e do próprio CPD com a sociedade passaram a ser mais diretas, ricas e enriquecedoras, curiosas, às vezes engraçadas.

Máquinas e gentes são mundos desafiadores, pensas, e pensas no poeta Álvaro de Campos:

Eia e hurrah por mim-tudo e tudo, máquinas a trabalhar, eia!

Galgar com tudo por cima de tudo! Hup-lá

Eia, eia! eia!

Eia electricidade, nervos doentes da Matéria!

Eia telegrafia-sem-fio, simpatia metálica do Inconsciente!

Eia túneis, eia canais, Panamá, Kiel, Suez!

Eia todo o passado dentro do presente!

Eia todo o futuro já dentro de nós! eia!

Eia! eia! eia!

Frutos de ferro e útil da árvore-fábrica cosmopolita!

Hup-lá, hup-lá, hup-lá-hô, hup-la!

Hé-la! He-hô! H-o-o-o-o-o!

Z-z-z-z-z-z-z-z-z-z-z!

A não ser eu toda a gente e toda a parte!

— Não raras vezes — continua — chegam ao CPD mensagens ou telefonemas curiosos, de pessoas que consultam o repositório e imaginam que terão informação especializada sobre qualquer assunto e falarão diretamente com o pesquisador. É engraçado como o usuário sempre parte desse princípio. É verdade, um pouco — que não é pouco —, porque o CPD sempre esteve na ponta da tecnologia. Mas há alguma coisa a mais, há uma crença já posta de que no CPD vai ter um perito para resolver todo e qualquer problema.

— Como resistir ao apelo de um homem angustiado — pergunta uma técnica — quando nervoso diz ao telefone: “Moça, a senhora tem que salvar meus porcos, preciso desta vacina que vocês têm aí!” E o CPD, como num desenho animado, ganha a forma de um laboratório. Só que não.

Ou de uma mãe aflita? — conta a outra — a senhora ligou chorando, como se o CPD fosse a última esperança.

“Minha filha está doente. Preciso contratar um consultor sobre este assunto.” Vem uma vontade enorme de ajudar e, ao mesmo tempo, a sensação de impotência.

E os pesquisadores que mudam de idéia!!!? — ri um bolsista: “Quero que exclua o documento, não quero mais o nome da Maria nos agradecimentos.”

Os amores passageiros de que falava Vinícius: infinitos enquanto duram, pensas.

— E quando, depois das entrevistas autorizadas já no ar, os entrevistados decidem que não disseram exatamente o que disseram e pedem a exclusão do texto? Neste caso, todos riem e comentam que não existe contra-argumento possível!!!

Ah! As contradições humanas, pensas. *Toda a gente em toda a parte.*

Entre as pessoas do passado que circulam diante de ti, enquanto as pessoas falam, entre os pesquisadores e os técnicos, João, Maria, Roberto, Carla, Cláudia, Diamantino... os usuários, porque aqui é assim, e te espantas, como se ser assim não fosse o natural. Eles têm nome, têm história, são inteiros. Olhas com desconfiança. Queres uma prova.

Chama aquela técnica e pede que te fale sobre o “velhinho”, diz um bolsista.

Ela vem sorrindo simpatia:

— Vou contar do “meu velhinho”. Ele vinha uma vez por semana, todas as sextas-feiras, às 10h, e dizia que havia fundado o Hospital de Clínicas. Pedia sempre a mesma coisa, a configuração do Periódicos CAPES. Eu dava a ele por escrito, e ele dizia que estava claro. Na semana seguinte, entretanto, voltava dizendo: “Está aqui o papel, mas eu não consigo, não consigo...” Começávamos tudo novamente, desde a fundação do Hospital de Clínicas. — de repente, a técnica te olha com emoção — Ele não tem aparecido...

— Deixa eu contar do meu, diz uma outra técnica e conta cheia de entusiasmo: Um dia, chegou um senhor bem velhinho, disse que tinha 84 anos, colocou a sacola no chão e começou a falar: “Tu não sabes, minha filha, mas eu vinha muito aqui no CPD. Naquele tempo, o Hospital de Clínicas era um campo de futebol” — ele ria —, “uns 50 anos atrás, a gente subia no muro para ver os jogos...”. Os olhos borbulham de saudades, que saudade, quando é grande, é assim, escorre dos olhos. Falava sobre os times, como se estivessem na nossa frente, falava sobre os filhos e, então, naquele dia, se assustou ao lembrar do que tinha vindo fazer no CPD: “Sabe” — ele retomou a calma —, “a minha mulher se vira melhor que eu, eu não gosto de internet, eu só uso o “escaipi” e um programinha que tem um “e”. Eu preciso recuperar um e-mail.” “É Orion?” — perguntei para ele que imediatamente respondeu com certeza que não. Perguntei se era Vortex e ele disse: “Também não é.

É um antes do Vortex.” Criou-se o problema! Impossível, o primeiro e-mail foi do Vortex! Mas, enfim, conseguimos restaurar. Mostrei a ele e perguntei: “Se o senhor precisar de alguma coisa pode retornar ou ligar pra nós, o senhor sabe o número?”

Ele me olhou sério e disse: “A senhora sabe que eu tenho um problema na coluna e não posso ficar andando por aí.” Fiquei preocupada e disse-lhe que podia ligar. “Tem o nosso número?” Ele se irritou. “Sim. A senhora já me perguntou isso.”

— Como será que nos descobrem? — pergunta um bolsista lá do fundo da sala.

— Ora!!! — responde alguém — em qualquer lugar da UFRGS tem uma folhinha no mural, às vezes, amarelada com o ramal 5333. A Universidade pode passar por reformas, mas a folhinha sobrevive ao tempo!

Todos riem, observas, um tanto pela graça da situação ou, talvez, pela resposta inesperada, um pouco porque sobreviver ao tempo talvez seja nosso maior desafio e a sobrevivência ao tempo não se faz em nós, se faz no outro.

Houve um dia, alguém contou, que uma senhora que estava hospitalizada ligou para cá. Eu atendi. Ela contou tudo sobre a cirurgia a que tinha sido submetida. Quando pensei que fosse solicitar algum serviço, ela agradeceu, muito educadamente, agradeceu a atenção e desligou.

Olhas para o jovem que está falando e pensas: ela sobreviveu ao tempo, talvez ainda não tenhas descoberto, porque há descobertas que se faz com a idade, ela ficou em ti e, agora, em nós.

Um rapaz tira os olhos do computador, pega a cadeira e senta perto de nós:

— Eu conheci uma senhora — diz —, uma senhora com a idade bem avançada. Ela lidava muito bem com as máquinas. Adorava isso. Estava sempre pesquisando e sempre vinha com termos atualizados. Era mais do que um prazer, dava para sentir, era a sua paixão. Um dia, ela chegou com um tablet embaixo do braço e disse que queria acessar a rede e não estava conseguindo: “Tem alguma coisa errada” — ela afirmava com convicção, já havia pesquisado e já havia falado com duas pessoas do CPD. Olhei para ela e respondi que não se preocupasse, que eu daria uma olhadinha. Comecei a pesquisar. Claro que demorei alguns minutos, mas. De repente, fui surpreendido com a delicadeza de uma mão no meu ombro e uma voz daquelas de mãe, sabe?: “Liga pra eles, não seja orgulhoso!” Liguei e o técnico disse que não tinha como fazer, mas ela não se deu por vencida: “Não seja orgulhoso! Liga para o outro técnico.”

— Um professor — disse uma voz tímida, baixinho — um professor veio à Central e, visivelmente contrariado, contou que haviam invadido o computador no Setor onde trabalhava e que haviam mexido no seu e-mail. Ele queria trocar a senha. Ensinei o procedimento para ele, mas recusou

e disse “Não colega, eu confio em ti. Nós trabalhamos na mesma instituição, eu te dou minha senha e tu acessas.”

A ingenuidade, às vezes, é engraçada, pensas, mas não dizes.

Aos poucos, os técnicos e bolsistas do CPD vão puxando suas cadeiras e sentando em torno de ti. Olhas para a meninada mais nova, “os escolhidos”, e perguntas por que estes e não outros? Eles não respondem, apenas sorriem, meio encabulados.

— Os bolsistas precisam ter paciência, proatividade e boa vontade, pois o nosso usuário primeiro vem em busca de atenção, depois da resolução do problema técnico. O usuário tem que se sentir especial, único, se não escutarmos o usuário, o serviço perde o sentido. Vou te dar um exemplo. Tivemos um bolsista que era muito fraco tecnicamente, mas era muito bom de conversa. Um dia foi fazer um atendimento e eu não fui junto. Voltou rindo e dizendo “O pessoal gostou do atendimento, a gente conversou pra caramba, mas eu não resolvi nada.” Perguntei o que ele tinha feito, ele riu. “Só enrolei. Eu não sabia resolver... Preciso de ti!” E o pessoal só queria ele... Fiquei pensando: ele pode queimar a máquina, formatar e vão continuar querendo que seja ele a atender. Já aconteceu, também, o inverso: bolsista muito qualificado que arranhou as relações, não deu retorno, não ouviu, não conversou.

— E tem o lado engraçado, também! — comenta uma técnica — Como vivemos numa sociedade que supervaloriza o belo e o novo, já recebemos chamados com recomendações: “Manda aquele menino alto, moreno, de olhos verdes.” Como assim, perguntei e a justificativa foi imediata: “É o nosso momento colírio.” Tive que dar a notícia e já que não seria boa, que fosse de um golpe só e falei que ele não estava mais conosco. A indignação veio em forma de indignação: “Não posso acreditar!!!!!!!!!!!!!!” Nossa incompetência ficou do tamanho do término do estágio dele. Não adiantava explicar. Imaginei um rosto muito crítico do outro lado do telefone.

— Aliás, diz outra técnica — esta coisa de conhecer muita gente só pela voz é sempre uma aventura. No outro dia, fui a uma reunião que começou com os participantes se apresentando. Foi um impacto, quando a moça que estava ao meu lado disse: Eu sou a Maria, do Instituto de Matemática e Estatística.” Eu, também, quando chegou a minha vez: “Eu sou a Isabel do CPD.” Ela me olhou e disse entusiasmada: “Isabel és tu? Que máximo!” Foi bonito, foi divertido. Nos falávamos muito por telefone e nunca nos havíamos visto... Conhecemos muito bem as vozes que nem sempre combinam com as imagens construídas, mas é sempre um momento, no seguinte, as vozes ganham rostos que, repentinamente, como elas, se tornam familiares.

2. para todos

*As formas, os móveis da ação, os
procedimentos são
múltiplos e todos constituem, no seu
conjunto, um quadro, um mapa,
um painel, uma rede.*

Michel Serres

Se existem palavras que definem tempos e civilizações, pensas ao olhar para um computador desligado, esta palavra para nós é “rede”. Vivemos em rede, há quem diga que trocamos o toque humano pelo toque da tecla. O mundo, hoje, é uma grande rede, todos dizem. Seguidos e seguidores, a rede nos define.

Olhas para a Direção do CPD e perguntas pela equipe de rede. Ó-b-v-i-o, esperas por uma resposta técnica, números, metros, canos, fibra. Ela não vem e, de novo, te surpreendes:

— A área de rede, pela natureza do trabalho, se diferencia dos demais setores. A equipe tem que trabalhar em conjunto.

Esta característica imprimiu um perfil de mais parceria que se reflete, inclusive, nas atividades de lazer conjunto.

Nem máquina, nem impessoalidade. Computadores, programas complexos, números que vinham à cabeça numa velocidade febril antes de avançares pela indicação do totem e antes de entrares na porta marrom, têm, agora, outros contornos.

— A rede tem um papel importante — continua a Direção —, ela, pode-se dizer, trouxe outros horizontes, mais vivos, mais dinâmicos, ao CPD. Antes, só se prestava serviço para a Administração Central. Depois da rede, houve uma aproximação com as Unidades e com toda a Universidade.

Perguntas se podes ver a equipe.

De novo, pessoas com os olhos grudados nas telas do computador, de novo, pessoas ao telefone, indicando procedimentos. Os olhos desviam quando a porta se abre e focam em ti. Alguns sorriem, outros, apenas olham.

O técnico se aproxima e estende a mão. Oferece uma cadeira. Então, esta é a equipe de rede? Tentas romper o silêncio. A rede ainda tem inimigos? Perguntas, constrangida, como quem nada conhece a respeito, mas carrega consigo todas as opiniões econômicas, sociológicas e filosóficas possíveis, todas captadas pela Internet, porque também és

assim, um ser do teu tempo: cheio de opiniões. Ah! O Umberto Eco já falou sobre isso, quando disse que a rede *é como Funes, o memorioso, o personagem de Jorge Luis Borges: lembra tudo, não esquece nada. É preciso filtrar, distinguir o que é sério, o que é falso.* Não, como os outros, não distingues. Mas. Antes que o teu pensamento te leve para mais longe, repetes a pergunta: a rede ainda tem inimigos?

O técnico responde rindo:

— Os ratos.

Bela metáfora! Pensas, mas como não és boa em interpretar metáforas, repetes mecanicamente: os ratos.

Ainda rindo, ele diz que os ratos dão trabalho para manter a rede funcionando:

— Uma vez, tive que sair, lembro que era véspera de carnaval, atrás de uma veterinária para comprar iscas de rato. Eles haviam roído as fibras no Campus do Vale.

Ah! Os ratos! te dás conta e, agora, és tu a rir.

— E não é só no Vale, não, numa época de seca, que afetou o Arroio Dilúvio, os ratos roeram as fibras no Campus da Saúde.

— E a ninhada? — diz a moça encostada à parede — Uma vez, no Departamento de Genética, quando abrimos

uma caixa de passagem, vimos uma ratazana carregando sua ninhada, a coisa mais bonitinha!

— Mas os caminhões também são inimigos. — diz o bolsista e todos concordam — Invariavelmente, na Av. Ipiranga, os carros batiam nos postes e o guincho do ferro velho arreventava as fibras.

— Lembras, diz o outro técnico, quando um caminhão de galinhas arreventou a fibra no Centro Nacional de Supercomputação?

— E na Veterinária — conta a moça da parede — um caminhão que carregava alfafa rompeu três vezes a fibra que alimentava um departamento. Na última vez, um professor queria bater no motorista.

— Ah! — lembrou um outro — e teve aquela vez em que o pessoal estava reparando uma fibra rompida, na Agronomia, encostou um carro com pessoas armadas, perguntaram o que estavam fazendo, e falaram: “Tudo bem, só não mexam nos cabos da Net!” Ok! O pessoal se comprometeu a não mexer e não mexeu!

Todos riem. O mesmo clima, pensas satisfeita de pensar.

— Fala-se muito nas questões de segurança na rede, comentas.

Imediatamente um técnico responde:

— O grupo de segurança surgiu por causa dos problemas com pirataria e vírus. Quando havia ataque de vírus,

alguém tinha que correr e desligar o cabo. Houve o caso de um hacker que roubou o cartão da UFRGS de uma pessoa que estava na França e foi descoberto através da Biblioteca da Fisiologia. Foi um caso de inquérito policial. Há muitos chamados para participar de inquérito disciplinar — monitorar micros, cópia de pendrive, e mais um monte de coisas. — e arremata cheio de orgulho — O que o CPD escreve e assina nunca foi questionado.

— E tem outra coisa — diz uma técnica — houve e há vários casos de senha de cartão de crédito passando pela rede, aí, a gente avisa o usuário para bloquear o cartão.

Estás, de novo, envolvida por cadeiras e gentes, que sentes como tua gente. Eles falam do seu fazer cotidiano e de suas histórias com entusiasmo. Tem de haver, nisso tudo, pensas, um segredo, uma fórmula.

— O que é mais legal — diz um jovem — é que na universidade é diferente de casa, teu equipamento interfere no do colega da outra sala, então, é preciso planejar, fazer projetos juntos. A rede é de todos.

— Isso é verdade — diz o técnico, talvez o mais velho do grupo — a rede coloca a equipe no meio de brigas internas, é o diretor que não fala como o coordenador da Pós-Graduação, um professor que não fala com outro, e nós é que temos que resolver! E é por isto: porque a rede é para todos e não apenas para um. E eu acho que isso fortalece muito a nossa ideia de grupo. A gente sabe que não pode parar.

A moça loira, encostada na parede, chega mais perto:

— Cada vez que faltava luz e o no-break não funcionava, tudo saía fora do ar. Isto aconteceu durante uma festa de Natal. Aí fica clara a questão do grupo: todos sabem que o CPD não pode parar e todos se mobilizam, pegam os carros, buscam ajuda. Durante uma festa de Natal, não houve alternativa, tivemos que chamar um colega. Ele respondeu: “Tudo bem, mas tenho que avisar, estou alcoolizado”.

Todos olham com olhos divertidos para um alemão alto, que, de branco, passa a vermelho.

— Há um comprometimento grande. Muitas vezes, vou embora no fim de semana e quando chego na segunda, alguém conta que passou o fim de semana aqui, resolvendo problemas. — comenta, não sem orgulho, não sem emoção, a Direção.

— Em época de crise melhoram-se os processos. — afirma o técnico, o talvez mais velho da equipe.

— É, e hoje todo mundo acha bom conquistar as pessoas. — conclui o mais jovem.

Talvez seja isso, talvez seja o segredo, a fórmula de uma equipe moldada numa cultura de rede, pensa e não dizes. Não é preciso.

3. quem são vocês

Ainda há pessoas que tenho que conhecer, outras que jamais voltarei a encontrar. Pessoas que passam por mim sem que eu o perceba, pessoas com quem cruzo apenas. Mas à medida que as cumprimento, tenho a sensação de que ficam mais transparentes. Devo viver com os olhos voltados para a corrente do rio.

Banana Yoshimoto

Olhas em volta, demoradamente, olhas em volta com um misto de curiosidade e de encantamento. Pessoas são mundos, pensa. Mundos bonitos, feios, simples, complexos, secos, plenos. Apenas a grandiosidade disto: a de ser mundos. Pessoas te olham e sorriem educadamente, outras não desviam os olhos das máquinas, outras conversam em volta da garrafa de café. Umas contam, tentas adivinhar, de ontem, de casa, da vida, outras procuram resolver os problemas do trabalho, outras, ainda, imersas em si, falam pelo olhar coisas que não consegues entender.

São Marias, Paulos, Raimundos, Anas. São o que fizeram, são o que fazem, são os que sonham.

Mário Quintana te visita por segundos: *A arte de viver é simplesmente a arte de conviver...simplesmente, disse eu? Mas*

como é difícil! Como é difícil, pensas. Teias de afetos e desa-fetos que se tecem a cada momento, quando cada mundo é único e traz consigo suas histórias, suas vivências, sua sensibilidade, seu modo de ser. Aquele veio de Taquari, o outro de Pelotas, o outro, aquele pensativo, de Porto Alegre. Se carregam consigo as casas nas costas, como dizem os africanos, também é verdade que delas constroem outras, pensas, que também passam a carregar. É assim com eles, pensas. É assim com todos.

Aquele, embora feliz, frustrou o desejo do bisavô de que fosse funcionário do Banco do Brasil. A outra descobriu o computador na cadeia, ainda menina — menina nerd. A mãe era monitora penitenciária. Aquele veio do Exército. Aquela, do escritório de advocacia, onde trabalhava com o marido. Os dois trabalharam no Terra. Vais, aos poucos, construindo-lhes pequenas histórias.

E então veio o dia, aquele dia que poderia ter sido como qualquer outro, mas que por um detalhe qualquer, um papel, um e-mail, um telefonema, um porteiro com um telegrama na mão, veio o dia e a vida mudou. Assim:

— Ó — disse o porteiro estendendo um papel em sua direção — chegou um telegrama é da UFRGS. Acho que a senhora foi chamada. — O envelope estava com uma pontinha aberta, com certeza ele tinha dado uma espiada. Pensa em reclamar, mas o envelope a absorve. Frio no estômago. Sequer diz obrigada. Subindo no elevador, ela abre e começa a chorar, fora chamada na UFRGS, alocada no CPD, e...

não sabia nada de computação... Felicidade e pânico se confundem.

Verdade que a entrevista poderia ter sido melhor — sorris da tua própria experiência — quase dizes em voz alta: sempre podia, mas. Permaneces em silêncio, permaneces nas tuas pequenas histórias. Olhas para um deles e adivinhas: “começaram a perguntar se já tinha trabalhado com banco de dados. Minha resposta: “Não.” Perguntaram se eu já tinha trabalhado com desenvolvimento WEB. Minha resposta: “Não.” Na verdade, foi horrível, foi um “não geral”. Sorris do milagre das palavras — elas são pontes, lembranças — mesmo quando dizem o contrário do que querem dizer. Possuem a magia de aproximar mesmo quando afastam e o não, de repente, na frente dos teus olhos se transforma em sim.

Pensas em Ferreira Gullar,

*Uma parte de mim
é todo mundo;
outra parte é ninguém:
fundo sem fundo.*

*Uma parte de mim
é multidão:
outra parte estranheza
e solidão.*

*Uma parte de mim
pesa, pondera;
outra parte
delira.*

Deliras. Inventas, para eles, histórias, rompendo com a solidão. Levas a todos às casas primeiras, no interior com seu cheiro de terra ou na capital com seus ruídos de movimento, com sua pobreza feita de caderneta no armazém da esquina ou com suas vidas de remediados (seja lá o que remediados queira de fato dizer), jogas todos eles no desconforto ou no conforto, com pais ora empregados, ora desempregados, crias para eles afetos e desafetos, colocas na faculdade, uns quietos, concentrados, outros ansiosos de futuro, outros, ainda, ansiosos pelas festas dos centros de estudantes, simplesmente porque é assim. E, de repente, antes de ires mais e mais longe, paras e trazes, um a um, trazes de volta a esta sala. Pensas no rapaz próximo de ti. Na certa, ele diria o que tens ouvido com muita frequência:

— Depois que eu vim trabalhar aqui e vi que o pessoal era gente boa, super acessível, aprendi muito mais no período que eu estava aqui do que em toda a minha trajetória acadêmica e posso continuar estudando e aplicando no ambiente de trabalho e vai me lapidando como pessoa e me tornando um profissional melhor. Eu acho importante a construção do profissional depois que ele entra aqui, acho importante ter colegas que são referenciais de comportamento.

Um exemplo: tenho que resolver um problema técnico, eu penso: — Como o Foscarini iria resolver isto? Ele foi meu mentor técnico quando entrei. Na hora de tratar com pessoas, meu referencial é o Marchi.

Não! — Tu mesma te surpreendes com o que pensas. — Não! Por que o perfeito, o ideal, tem que ser sempre aquilo o que é bom? Não! A arte de conviver não é apenas o que é bom, o que é feliz! Por isto é difícil, porque a arte de conviver exige o completo!!! Claro! A arte de conviver exige o bom e o ruim, o feio e o belo, a paz e o confronto. É isso!

Olhas para a sala do café.

Duas técnicas discutem como se fossem brigar, ninguém intervém, elas são conhecidas mais pela divergência do que pela convergência de opiniões.

Mas houve uma vez, alguém contou, em que alguém criou uma grande discussão na sala do cafezinho. A colega dizia que a outra era “uma carrasca com os bolsistas e funcionários do setor” e dizia mais e mais. As acusações chegaram a um tal ponto que a outra ficou com medo, inclusive, de ficar sozinha com ela no banheiro. No dia seguinte, entretanto, quando chegou para trabalhar, encontrou um vaso na sua mesa:

— De quem é esta flor? — perguntou.

— Da colega. — alguém apontou. A outra olhou para a flor, levou para a sala do café e colocou no lixo.

Mágoa precisa mesmo de muito tempo para ser superada.

Numa outra vez, criou-se uma disputa entre uma servidora e uma bolsista que trabalhavam na Central de Atendimento. Elas competiam na hora de atender ao telefone. Todos sabiam que aquilo podia não acabar bem, mas, afinal, era o telefone! E então aconteceu, o telefone tocou e a bolsista atendeu primeiro. O que ninguém sabia era a intensidade da disputa. Elas perderam a linha e partiram para a agressão física.

Foi preciso que uma terceira colega, grávida, colocasse a barriga de quase nove meses na frente das duas para separá-las. Embora a simbologia da barriga, a nova vida entre elas não foi possível. A servidora saiu do setor.

Por falar em grávida, chegou, uma vez, ainda nem se falava em assédio, um novo colega que decidiu que a outra, a grávida, deveria buscar seu café, buscar o papel na impressora... e não cansava de lhe dar ordens deste tipo.

Cansada e indignada, ela reclamou para o chefe que conversou com ele. O homem ficou furioso, sentiu-se profundamente ofendido e deu o ultimato:

— Ou tu tiras ela deste setor ou eu saio. Ela não faz nada, é uma incompetente. Uma mulher grávida!

Suspiras, com indignação. Sentes o rosto avermelhar como brasa. Mas não era o que querias saber? Não querias saber do completo? Não escolhes sempre o inteiro? Pois, pensas, o inteiro também pressupõe o doloroso, como o que,

imaginas, aconteceu com aquele homem grande e quieto, inofensivo, alguém diria. Um colega fez uma brincadeira e, inesperadamente, ele levantou e deu um soco na barriga do outro. Os outros colegas ficaram nervosos, mas o agredido pediu calma, justificando que havia feito uma brincadeira com ele sem saber que ele não sabia brincar. E o homem grande, inofensivo, pediu desculpas e começou a chorar.

O inteiro também pressupõe o risível, pensas, como naquela vez em que o casal de servidores rompeu o namoro e um terceiro passou a servir de intérprete quando a conversa de trabalho tinha que ser entre os dois ex-namorados. Ou mesmo aquela funcionária, que achava que todos estavam contra ela e bastava que alguém a olhasse num momento ruim que já queria briga. Ou a temperatura do ar condicionado...eterna discussão.

É isto, suspiras aliviada. É o completo. Nem céu, nem inferno. Apenas terra. É assim em todo o lugar. É assim nas famílias. São assim as relações. O importante é perceber que “Tudo que acontece nas relações serve para o amadurecimento profissional e pessoal da gente.”, tinhas ouvido lá dentro.

Curiosa, perguntas pelas chefias deles. Há uma fileira de histórias, mas um rapaz parece resumir tudo.

— Quando entrei, minha chefia estava iniciando a coordenação do grupo e não se sentia pronta para chefiar uma equipe. Existem vários modelos de liderança, autoritário, inspirador, e ela exercia de forma diferente: carinhosa e respeitosa, era uma mãe e atingia os objetivos de forma mais

efetiva, agregava e cativava as pessoas. E eu dizia pra ela que era perfeito, pois era um bando de bolsistas, guris entre 17 e 23 anos, eu era o mais velho. Ela era doce e não precisava ser diferente para atingir os objetivos, mas se torturava, desnecessariamente, porque era diferente da forma como as outras chefias agiam.

— Olha — diz o outro — em relação ao meu chefe, eu pensava: este cara é muito parceiro, não posso deixar este cara na mão. E não porque sou obrigado a fazer, porque ele é meu chefe. Não é uma imposição, ele te cativa de uma forma que te sentes comprometido.

Sorris, com certa ternura. Gente. Pessoas são mundos, repetes. Se te olhasses no espelho, agora, perceberias o quanto estás emocionada. Pessoas te encantam. Não aquelas vazias, burocráticas, mas as que são plenas de sentimentos que transbordam em riso, em lágrimas, em lembranças, em sonhos, que entram na vibração do entendimento de que a vida é feita todos os dias, assim: ao transbordar em riso, em irritação (por que não?), em lágrima, em lembrança, em sonho. Olhas para as pessoas que ocupam a sala, olhas para a técnica que reclama para a funcionária que o café está muito forte e refazes em ti as suas e a tua própria história e sentes. Agora, tu te transformas em acolhimento, sabes quem são.



Coral - 2005



Coral - 2005



Banda - 2014



Torneio de futsal - 2014



Aniversário do CPD - Café da manhã - 2012



Aniversário do CPD - Café da manhã - 2012



Festa dos 40 anos - 2008



Torneio de futsal - 2014



Final de ano - 2014



Teatro - 2014



Dia a dia - 2012



Dez anos de gestão - 2006



Equipe do CPD - 2014



Equipe do CPD - 2014

4. presente do futuro

*Por seres tão inventivo
E pareceres contínuo
Tempo, tempo, tempo, tempo
És um dos deuses mais lindos
Tempo, tempo, tempo, tempo
Caetano Veloso*

Olhas para as pessoas e te perguntas pelo tempo. Nada mais presente e, talvez, nada mais futuro do que aquelas mãos que teclam e aqueles olhos que pensam. O tempo, assim, abstrato, te faz tão só e sem sentido, pensas. Uma peça ínfima, solta, num mundo em que só existe o hoje e o teu tempo ínfimo, no grande tempo do Universo, não é mais do que uma sucessão de *agora*. Qual o sentido de não saber do depois? Qual o sentido do fim das coisas e das gentes? — Te perguntas, procurando uma eternidade que te dê sentido. O que salva e te salva é que não é uma preocupação só tua. Vêm da porta aberta as vozes sem rosto.

Diz um técnico:

— Uma coisa que me preocupa é que desta galera da geração da Jussara, Leandro, que são a âncora do CPD, alguns já se aposentaram e outros estão pensando em se aposentar. Será que vai ser conservado o mesmo ambiente que tem hoje, será que a gente vai ter competência para pegar e fazer a coisa fluir da forma como acontece hoje?

Uma voz feminina responde:

— Mas é responsabilidade de vocês.

Uma terceira entra na conversa:

— Gostei que tu falaste que esta preocupação não é técnica, é do ambiente.

O ambiente, quem faz são as pessoas, pensas.

A segunda voz retoma a palavra:

— Se nós não conseguimos estabelecer isto como cultura da instituição, nós fomos muito incompetentes e fracassamos no nosso processo aqui dentro. Mas pelo que temos escutado aqui, acho que já existe esta cultura: recebi esta acolhida, e estou tentando fazer o mesmo com o pessoal que está chegando. Pensem se vocês não estão fazendo o mesmo no ambiente de vocês.

A terceira voz:

— Em relação às pessoas saírem, o receio que eu tenho

é que são os chefes que estão se aposentando e como são eles que determinam as demandas, possuem o conhecimento da estrutura da Universidade, por exemplo, o Mauro conhece cada sala da UFRGS, o trânsito do Hubert na Reitoria, isto é difícil de fazer, vai mudar o ambiente.

A segunda responde com muita segurança:

— Mas vai existir um processo de transição e o conhecimento vai ter que ser adquirido. Eu não sou a diretora de 19 anos atrás.

A terceira insiste:

— É aos tombos. Quando eu entrei tomei vários tombos no Salão de Iniciação Científica, se fosse hoje não tomaria os mesmos tombos, mas quem caiu fui eu. Quem ficar no topo de pessoas, se tomar um tombo, leva todo mundo junto.

A segunda:

— Vou dizer minha experiência. A equipe por trás de ti é que ajuda a não levar os tombos. Uma das coisas deixadas é que o trabalho sozinho é o pior possível. Fomos tão poucos por muito tempo que minha interlocução eram o Leandro e o Hubert, nunca decidia as coisas sem conversar com eles, porque tu tens que elaborar as coisas e o grupo é fundamental. Eu cansava de subir e tomava um chimarrão com Leandro, conversava com a Zaida, tipo “conversa de cafezinho”. A responsabilidade das decisões é de quem exerce o cargo, mas não precisa ser uma decisão solitária. Quanto

menos solitária for melhor ela será. Tenho convicção disto e tento praticar 24h por dia.

É o verdadeiro trabalho conjunto, pensas. E te vem à cabeça aquela música do Raul Seixas que diz que *um sonho sonhado sozinho é um sonho, um sonho sonhado junto é realidade*.

A terceira:

— Estou dizendo que assim está bom, mas e depois?

Depois? Pensas na tua avó, “quem quer saber do futuro, quer tomar o lugar de Deus”. Sorris quase com uma ponta de ternura. Ou não.

Uma quarta voz, esta masculina, entra no circuito:

— Tu podes passar experiêcia, mas contatos políticos, isto é difícil. Tenho certeza que antes de construir esses contatos o CPD passou por muitas crises. E como a gente constrói sem ter que passar por crises?

A segunda voz feminina:

— Existe um malefício dos 20 anos aqui: acaba personalizando e hoje, infelizmente, pensa no CPD fala com a Jussara. Depois deste tempo todo, vira um hábito. E é inevitável

que vai haver uma crise, e vai ter gente entrando que nunca ouviu falar na Jussara. É um processo normal, um ano e depois estabiliza. E hoje é uma equipe, a partir de setembro, tudo muda, o grupo de pessoas que vai ser interlocutor.

A voz masculina insiste:

— Pode ser uma nova equipe, mas tu conheces muitas pessoas que ficam, secretários por exemplo.

A segunda retoma o pensamento:

— Um dos motivos da reestruturação do CPD é puxar mais gente. Olha aqui, minha experiência pessoal: eu e o Leandro éramos de um grupo que trabalhava fechado numa sala, com hardware e conhecia meia dúzia de professores. Surgiu a necessidade e passamos para a área de Redes. O grupo acabou e foi criada a Divisão de Redes, em 1994, e naturalmente se dividiu, o Leandro foi pra parte técnica e eu fui pra coordenação, foi natural pelos perfis. Eu fui coordenadora para resolver os conflitos criados pelas pessoas mais antigas. A questão é ter consciência das coisas. Gestão 50% é bom senso. Pensa em grupo, envolve, ouve antes de tomar as decisões.

A voz masculina arremata a conversa com pragmatismo:

— Olha, segundo o Hubert, tu vais ter certeza que tudo deu errado, se, depois de dois anos, tu olhares para fora e perceberes que tudo virou um estacionamento. — Todos riem do inesperado.

Em cada um, pensas, um ponto de interrogação. Daquele que nem para os técnicos existe resposta. É o futuro.

Pensas em Saramago:

Falta ver, se é que falta, o que serei:

Um rosto recomposto antes do fim,

Um canto de batráquio, mesmo rouco,

Uma vida que corra assim-assim.

Não, ele também não soube do futuro. Nem os poetas, nem os cientistas sabem, porque diga-se o que disser, haverá sempre um depois intocável. Talvez tua avó estivesse certa: “quem quer saber do futuro, quer tomar o lugar de Deus”.

Ou não.

5. como casa

Não gosto de despedidas porque elas chegam dentro de mim como se fossem fantasmas mujimbeiros que dizem segredos do futuro que eu nunca pedi a ninguém para vir soprar no meu ouvido de criança.

Desci. Sentei-me perto, muito perto da avó Agnette. Ficamos a olhar o verde do jardim, as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para novas caminhadas. O recomeçar das coisas.

– Não sei onde é que as lesmas sempre vão, avó.

– Vão pra casa, filho. Tantas vezes de um lado para o outro?

– Uma casa está em muitos lugares – ela me respirou devagar, me abraçou.

– É uma coisa que se encontra.

Ondjaki

Ficas encantada quando alguém te conta que aqui já houve um coral. A vontade é de saber tudo, como, quando, quem?

— Foi assim. — disse a moça — Havia cantores de coral espalhados pelo CPD. E eles resolveram fazer uma surpresa para a festa de fim de ano de 2005. Foi uma troca intensa de e-mails para concretizar a idéia. Primeiro, havia o vocal formado por Márcia (soprano), Juraci e Liara (contraltos), Luis (tenor) e Leandro (barítono).

— Ficou quase perfeito!, comentou a outra, precisávamos de mais uma voz feminina, pelo menos, para podermos cantar a 3 vozes, com tranquilidade. E bolsista da CA? (Diziam que cantava muito bem). Será que é quem a Márcia falou? O fato de nunca ter cantado ou não ler música não era grave! Sempre poderíamos gravar as músicas em CD para ela ensaiar (na verdade todos nós). As músicas? Pensamos em músicas «brasileiras fáceis, tipo Samba do Arnesto, Se acaso você chegasse e por aí vai.»

— Aí veio a ideia de pegarmos um regente do Instituto de Artes. Foi o Eduardo Alves. Precisávamos de mais uma voz masculina. Ah! E os ensaios não eram realizados aqui. Conseguimos uma sala na Escola Técnica, lembro bem, o primeiro ensaio foi na sala 300.

— Enfim, montamos, junto com o Eduardo o programa. Olha, eu tenho uma cópia.

PROGRAMA

Ó abre alas
Chiquinha Gonzaga

Bandeira Branca
Max Nunes / Laércio Alves
Arranjo: Dulce Primo

O som da pessoa
Gilberto Gil / Bene Fonteles

Eu só quero um xodó
Anastácia / Dominginhos
Arranjo: Munir Sabag

Jazz Gloria (autor desconhecido)

— E a música do Rei Leão era guardada para o bis, continuou.

— O coral ficou assim: duas sopranos (uma iniciante), um tenor, duas contraltos e dois baixos (um iniciante). Certo estava o Leandro, quando disse que estas atividades dão vida às organizações, valorizando os grupos, demonstrando, na prática, que existe vida cultural dentro de um órgão

eminentemente técnico. A apresentação, na sexta-feira, às 20 horas — claro que depois, depois de muita discussão pela roupa, preta, preta e branca, colorida, camiseta — foi um sucesso.

— Quando, em 2009, o coral terminou, a surpresa da festa foi a Banda DRS. — Comentou um técnico. — Havia bateria, baixo, mesa de som, caixa pra baixo, guitarra, teclado, microfone para o vocal... Claro — riu — depois de muita procura por um cabo, um cabo coaxial mono de 2 m com dois conectores sendo um P2 e outro P1.

Seja lá o que isso for, pensa.

— A verdade é que a banda arrasou. Foi incrível! E pensar que foi organizada no dia anterior à festa!

— E teve o teatro! Insistiu a moça no auge do entusiasmo. Em novembro de 2014 a equipe do departamento resolveu fazer um brainstorm e levantar ideias para a criação de uma peça teatral que seria apresentada na festa de fim de ano do CPD. O Augusto, o Fernando e o Thiago logo se propuseram a atuar na peça, mas participaram os palpiteiros, roteiristas e críticos de arte. Eram a Bárbara, o Henrique, a Nadja, o Victor, o Daniel e a bolsista Caterina. Após algumas sugestões, ficou decidido que seria construído um esquete envolvendo reuniões entre Gerente, Analista e Cliente para a entrega de um Sistema chamado “Jogo da Velha”. Após alguns ensaios, o Rafael resolveu integrar o gru-

po, fazendo parte de alguns atos da peça como “o Designer”.

— A peça foi evoluindo à medida que ensaiávamos. Lembro que os dois ensaios finais foram profissionais, contaram com a presença do Leandro e da Gabriela, que utilizaram sua experiência teatral para ajudar na parte artística.

— Olha, diz a moça, tenho aqui a ficha técnica.

Pegas a ficha e sorris num completo estado de encantamento. E vais saindo, devagar, como se a demora pudesse prolongar o encanto. Encostas numa parede.

Alguém comenta — ouves um comentário solto — com uma terceira pessoa:

— As pessoas começam como bolsistas e ficam no CPD.

Até eu!!!!, pensas.

Não, não era para ouvires, era um comentário desprezioso. As pessoas querem permanecer no CPD e isso se chama retenção de talentos. Seria capaz de jurar que sei exatamente o que estás pensando. Olhas para estas pessoas, que agora não são mais vultos, são de carne e osso, observas como se movimentam, como param, como se comunicam, como se concentram na tela de suas máquinas, como atendem o

telefone, e uma palavra te vem à cabeça: casa. Não uma casa qualquer, fria, impessoal, uma casa marcada pela pessoalidade, onde cada um é. Bachelard, sussurras, é Bachelard: *A casa é uma das maiores forças de integração dos pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. (...) Sem ela o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. É corpo e é alma.*

Um técnico pede licença para passar e tu perguntas se trabalha há muito tempo aqui.

Ele responde, orgulhoso:

— Fui bolsista. Quando acabou a bolsa, tive que sair do CPD e trabalhei em empresas privadas. Mesmo com salário mais atrativo, a satisfação profissional foi o motivo para fazer o concurso e voltar para o CPD.

O que vem atrás dele entra na conversa:

— Eu comecei como aluno da Escola Técnica. Passei no vestibular e na graduação, continuei como bolsista. Fiz concurso e cursei mestrado e doutorado. Quando conclui o curso, fui direcionado para a área em que me especializei.

O outro ainda:

— Eu comecei programando em uma área que não era a que eu mais gostava, mas depois fui redirecionado e hoje trabalho na área em que me especializei, o que é muito legal.

O primeiro diz que começou a trabalhar no help desk, no atendimento ao usuário. Os outros dois confirmam que

fazem parte da UFRGS desde que ingressaram como alunos.

Refazes teu pensamento, agora repleto de certezas. Na vida, pensas, na vida a casa é centro e abrigo. Aqui, neste Centro de Processamento de Dados, também! Aqui também se cria uma esfera ordenada! E se cria através do estímulo e da acolhida vindos das chefias. Se cria através da integração da equipe, entre os setores e na equipe do setor, tanto no trabalho quanto nas comemorações, nos aniversários ou no cafezinho. Nas grandes e pequenas vivências! Se cria no envolvimento em projetos e no estímulo à criação, e na possibilidade de mobilidade interna para que o bolsista ou o servidor se sinta feliz no que faz. No estímulo constante à qualificação profissional. É isso, pensas, é uma esfera ordenada que tem como consequência o bem estar na vida. O estresse é inerente ao trabalho e não a situações externas, porque o CPD é casa e as suas práticas são reproduzidas de chefia em chefia, ao longo do tempo.

A casa tem vida própria e valores humanos, o CPD, também! — pensas — É o “canto do mundo” dessas pessoas todas! É onde se estabelece o cotidiano das suas vivências, que lhes dá segurança e desenvoltura. Sem a casa, o homem seria um estrangeiro. Talvez, sem o CPD, estas pessoas também.

Levantas, o pensamento e a emoção borbulhando em ti, te despedes e vais saindo, de mansinho.

Alguém te acompanha e, antes que coloques a mão na maçaneta, faz questão de abrir a porta:

— Para que possas voltar. — Sorri.

Agradeces e, quando a porta marrom se fecha, então sim, completas as decifrações: a felicidade de fazer parte e o valor da intimidade com o que se faz.

Caminhas ao ritmo da emoção e do sol de fim de tarde, entre a fileira dos carros que ainda estão lá, até o totem. Paras na Ramiro Barcellos e esperas um táxi. Olhas para trás e lêes gravado no cimento: CPD - UFRGS: Centro de Processamento de Dados. Entrás no carro com a certeza de que vais voltar. A casa é coisa que se encontra.

Página intencionalmente em branco

Impresso na Gráfica da UFRGS
Tipologia: Adobe Garamond
Papel Polen Bold 90g
Porto Alegre
2016